

AUTOMEDICAÇÃO ENTRE JOVENS E ADOLESCENTES, UMA ABORDAGEM NO ENSINO DE CIÊNCIAS PARA PROMOVER A EDUCAÇÃO EM SAÚDE E O USO CONSCIENTE DE MEDICAMENTOS

Paulo César de Oliveira¹; Isabella Vitória Araújo Santos¹; Otávio Oliveira Rocha¹; Adir Pereira Duarte²; Flávia Damacena Sousa Silva¹.

Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Iporá¹; CEPI de Aplicação²;
paulo.oliveira@aluno.ueg.br; isabella.05@aluno.ueg.br; otavio.23@aluno.ueg.br;
professoradir23@gmail.com; flavia.damacena@ueg.br

Resumo: A automedicação entre jovens e adolescentes é um hábito que tem se tornado cada vez mais recorrente e preocupante, pois envolve o uso de medicações sem acompanhamento prévio médico adequado, expondo os indivíduos a riscos como intoxicações, reações alérgicas, dependência e resistência a fármacos. Este trabalho tem como finalidade discutir essa problemática, buscando compreender os fatores culturais, sociais e educacionais que influenciam os jovens a se automedicarem, além de propor reflexões sobre o papel da escola e da disciplina de ciências e biologia na formação de uma consciência crítica acerca do uso racional de medicamentos. A pesquisa, de caráter qualitativo e natureza bibliográfica, baseia-se na análise de estudos e dados que evidenciam a necessidade de promover a educação em saúde no ambiente escolar. Com os dados fornecidos por esta pesquisa, foi possível entender de forma mais clara as causas e a ocorrência da automedicação entre os adolescentes no contexto escolar. Os dados mostraram que a prática é recorrente e, muitas vezes, motivada por fatores como a cultura de autonomia, família ou por desejo de aliar sintomas rapidamente, sem o devido acompanhamento médico. Conclui-se que a escola é um espaço de suma importância para o diálogo sobre o uso responsável de medicamentos, contribuindo para a formação integral e cidadã dos estudantes.

Palavras-chave: automedicações; consciência; comportamento impulsivo; formação integral.

INTRODUÇÃO

A automedicação consiste no ato da utilização de medicamentos por conta própria, sem a orientação de um especialista ou prescrição médica adequada. Muitas das vezes, essa imprudência é recorrida para o alívio de enfermidades ou sintomas de forma imediata. Porém, essa ação pode ocasionar sérios riscos à saúde em geral, uma vez que, ao tomar esta atitude, o indivíduo está se auto-sujeitando a intoxicações, reações alérgicas dependências, mascaramento de doenças e resistências a medicamentos, levando à dificuldade de diagnósticos corretos e aos devidos tratamentos corretamente. O amplo uso de medicamentos sem orientação médica, que na maioria das vezes é acompanhado pelo desconhecimento dos riscos que pode causar, evidencia a necessidade de informar sobre os riscos de se automedicar sem prescrição médica. (Lima; Alvim, 2019, p. 212).

No Brasil, esta realidade pode ser observada: a prática da automedicação entre jovens está associada a fatores culturais e socioeconômicos, com influência familiar e dificuldade de acesso ao sistema de saúde (Farias; Oliveira; Bertoldi, 2016). Conforme pesquisas indicam, cerca de 79 % das pessoas com mais de 16 anos admitem tomar medicamentos sem prescrição médica (ICTQ, 2018). A fase da adolescência é marcada por diversas transformações físicas, emocionais, psicológicas e comportamentais. Nesse tempo, é comum a ocorrência de atitudes impulsivas, muitas vezes motivadas pela busca de autonomia ou pela influência de grupos sociais. Esse comportamento, por sua vez impulsivo, pode levar os adolescentes a adotarem práticas irresponsáveis como a automedicação, recorrentemente sem o devido conhecimento sobre os riscos e consequências do uso inadequado de medicamentos (Araújo; Góes, 2019).

Partindo deste ponto, a escola pode se tornar um espaço de promoção de conscientização e saúde, tanto entre os próprios estudantes quanto aos pais e à sociedade em que está inserida. Visto que a escola desempenha um papel crucial para a formação plena do aluno, não apenas no aspecto cognitivo, mas também no social (Brandi; Pinheiro; Castilho, 2023).

Com a observação constante dos estudantes, as escolas conseguem identificar práticas que podem comprometer sua saúde e bem-estar, contribuindo assim para seu desenvolvimento integral. No ensino de Ciências, esse tema ganha destaque, pois a área permite discutir criticamente assuntos como funcionamento do corpo humano, ação de medicamentos e presença de agentes patológicos. Ao aproximar o conteúdo científico do cotidiano dos alunos, o professor fortalece a compreensão e a reflexão sobre a automedicação. Dessa forma, esta pesquisa se torna relevante ao buscar entender os motivos que levam os jovens à automedicação e como percebem essa problemática. Considerando que o ambiente escolar é onde os estudantes passam grande parte do tempo e onde conseguem se expressar com mais facilidade, torna-se fundamental investigar essas percepções para promover um espaço que valorize o conhecimento e garanta o bem-estar das futuras gerações (Silva et al., 2018).

METODOLOGIA DE PESQUISA

Este trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisas bibliográficas, com a leitura e análise de artigos acadêmicos, trabalhos anteriores e materiais científicos que abordam a automedicação na adolescência. Também foi desenvolvido, por meio de uma

abordagem qualitativa e quantitativa, combinando a análise de dados estatísticos com a interpretação de informações descritivas, a fim de compreender não apenas a frequência da automedicação entre adolescentes, mas também os fatores que influenciam essa prática no contexto escolar.

O principal método de coleta de dados foi a aplicação um questionário estruturado, aplicado a estudantes do ensino fundamental II, (oitavo ano) e médio, (segundo ano) de duas escolas públicas localizadas na cidade de Iporá Goiás. O questionário contou com perguntas fechadas, que permitiram a obtenção de dados quantitativos (como o número de alunos que já praticaram a automedicação, tipos de medicamentos mais utilizados, frequência de uso etc.), e perguntas abertas, que fornecerão dados qualitativos, permitindo compreender as motivações e percepções dos alunos sobre o uso de medicamentos sem prescrição.

Os dados coletados foram analisados e interpretados, (por meio gráficos) para assim, se fazer possível identificar os padrões que causam recorrentemente e possíveis caminhos para uma intervenção pedagógica eficaz.

Para contribuir com a comunidade escolar, pretende-se, após a conclusão deste trabalho, dialogar com a equipe escolar, como professores, coordenadores e, se possível, profissionais da saúde escolar, para compreender o que já tem sido feito em relação à educação em saúde na escola e de que forma a prática pedagógica em Ciências pode contribuir mais efetivamente com esse processo. A partir disto serão feitos relatórios para a materialização destes documentos.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A seguir, apresenta-se a análise dos dados obtidos, que ajuda a entender melhor essa realidade no contexto escolar.

A primeira questão do questionário teve como objetivo identificar a série em que os alunos estavam matriculados. Os resultados revelaram uma distribuição equilibrada da amostra, sendo 45,5% dos respondentes do 9º ano do Ensino Fundamental e 54,5% do 3º ano do Ensino Médio.

A segunda pergunta, investigou a prática de automedicação entre os estudantes. Os resultados obtidos são expressivos e revelam um cenário preocupante: 72,7% dos entrevistados afirmaram já ter consumido medicamentos sem prescrição médica, enquanto apenas 27,3% relataram nunca ter adotado essa prática. Essa alta prevalência da

automedicação entre adolescentes, grupo que inclui tanto o Ensino Fundamental quanto o Médio, indica que esta é uma prática culturalmente arraigada e normalizada (Tabela 1).

Tabela 1. Níveis da prática de automedicação entre os estudantes.

Alternativas	Porcentagens
Nunca	6,1%
Raramente	33,3%
Frequentemente	66,6%
Às vezes	27,3%

Fonte: Autores

A terceira questão buscou dimensionar a frequência da automedicação entre os estudantes que já relataram esse comportamento. Os resultados revelam um padrão de considerável habitualidade, distribuindo-se de forma bastante equilibrada em três categorias: 33,3% declararam praticá-la "Frequentemente", outros 33,3% "Às vezes" e 27,3% "Raramente". Apenas uma minoria (6,1%) respondeu "Nunca", o que está alinhado com o alto índice geral de automedicação já identificado.

Este perfil de constância se mostra preocupante. O fato de dois terços dos alunos (66,6 %) se automedicarem “Às vezes” ou “Frequentemente” mostra que o uso de medicamentos sem orientação não é um evento pontual, mas sim um hábito recorrente para a maioria (Araújo; Góes, 2019).

Tabela 2. Frequência da prática de automedicação entre os estudantes participantes.

Alternativas	Porcentagens
Nunca	6,1%
Raramente	33,3%
Frequentemente	66,6%
Às vezes	27,3%

Fonte: Autores

A próxima pergunta, investigou os principais motivos para a automedicação, revelando que o fator predominante é o desejo de aliviar os sintomas rapidamente (45,5%), indicando que a busca por soluções imediatas se sobrepõe à orientação médica. Em segundo lugar, destacou a crença no próprio conhecimento (22,7%), onde os estudantes julgavam saber a dosagem correta por uso anterior - um comportamento de risco que ignora as particularidades de cada caso. A influência do círculo social, como os

familiares por exemplo, (13,6%) aparece como terceiro fator relevante, enquanto questões como dificuldade de acesso ao sistema de saúde (12,1%) e falta de tempo (6,1%) foram menos expressivas. Isso indica que a automedicação é menos uma questão de impossibilidade de consultar um profissional e mais uma escolha ativa e culturalmente embasada, motivada pela urgência e por uma (suposta) familiaridade com os medicamentos (Tabela 3).

Tabela 3. Motivos que levam os estudantes à prática da automedicação.

Motivos	Porcentagens
Falta de tempo para ir ao médico	22,7%
Influência de familiares ou amigos	12,1%
Já utilizou antes e acredita saber a dosagem correta	13,6%
Desejo de aliviar os sintomas rapidamente	45,5%
Dificuldade de acesso ao sistema de saúde	6,1%

Fonte: Autores

A sexta pergunta, analisou quem geralmente indica os medicamentos utilizados na automedicação. Os resultados mostram que a própria pessoa é a principal responsável pela indicação (62,1%), refletindo um comportamento de autossuficiência na escolha de tratamentos. Em segundo lugar, aparecem os pais ou familiares (22,7%), indicando que o ambiente doméstico tem influência significativa na formação deste hábito. Já amigos (12,1%) apresentam menor influência, enquanto a Internet/redes sociais (3,0%) e farmacêuticos (0%) têm participação marginal. Estes dados reforçam que a automedicação é uma prática predominantemente autodirigida entre os jovens, com influência familiar secundária, mas relevante. A quase inexistência de orientação profissional (farmacêuticos) evidencia a necessidade de maior atuação destes profissionais na educação sobre uso racional de medicamentos nesta população (Silva; Senna Júnior, 2023).

A sétima questão identificou onde os estudantes costumam adquirir os medicamentos para automedicação. Os resultados mostram que a farmácia sem receita é a principal fonte (42,4%), evidenciando o acesso facilitado a medicamentos em pontos de venda que por lei deveriam requerer receitas médicas para vendas.

Ademais, o estoque doméstico (33,3%) aparece como fonte significativa, indicando que a prática é frequentemente sustentada por medicamentos já disponíveis em casa. A aquisição por empréstimo (24,2%) também se mostra relevante, reforçando a dimensão social do comportamento. Estes dados demonstraram que o acesso a medicamentos ocorre predominantemente através de canais não supervisionados, com as farmácias atuando como principais fornecedoras mesmo na ausência de prescrição, e o ambiente doméstico funcionando como um reservatório que perpetua esse hábito (Tabela 4)

Tabela 4. Locais de aquisição de medicamentos entre os participantes da pesquisa

Lugares	Porcentagem
Farmácia com receita	24,2%
Farmácia sem receita	33,3%
Em casa (estoque familiar)	42,4%

Fonte: Autores

A oitava questão analisou o quanto os estudantes conhecem os riscos da automedicação. Os dados mostram um cenário preocupante: embora 48,5% afirmem ter conhecimento claro, a maioria (51,5%) possui compreensão insuficiente, 43,9% têm conhecimento pouco claro e 7,6% não sabem nada sobre os riscos. Isso é ainda mais alarmante considerando que muitos deles praticam a automedicação. A diferença entre dizer que conhece os riscos e continuar se automedicando indica que parte dos alunos subestima os perigos ou não aplica o que sabe. Esses resultados evidenciam a necessidade urgente de ações educativas que expliquem de forma concreta riscos como reações adversas, interações medicamentosas e o mascaramento de doenças. A Tabela 5 apresenta esses dados.

Tabela 5. Níveis de conhecimento dos estudantes sobre os riscos da automedicação

Níveis de conhecimento	Porcentagem
Tenho uma ideia, mas não muito clara	48,5%
Sim, conheço bem	45,5%
Não conheço	7,6%

Fonte: Autores

A nona questão investigou a experiência dos estudantes com reações adversas decorrentes

da automedicação. Aqui os resultados mostram que 18,2 % dos respondentes afirmaram já ter tido algum problema de saúde, enquanto 65,2 % relataram não ter tido reações adversas e 16,7 % declararam não ter certeza. O fato de quase 1 em cada 5 estudantes já ter vivenciado diretamente uma reação adversa fornece uma evidência concreta dos riscos associados a essa prática. Quando somamos à parcela que “não tem certeza” (16,7 %), temos um terço dos alunos que possivelmente já foram expostos a consequências negativas sem sequer possuir clareza sobre isso (Tabela 6) (Paim et al., 2016).

Tabela 6. Ocorrência de reações adversas ou problemas de saúde decorrentes da automedicação

Ocorrência de reações adversas	Porcentagens
Sim	18,2%
Não	65,2%
Não tenho certeza	16,7%

Fonte: Autores

A décima questão consultou os estudantes sobre a relevância de discutir o tema da automedicação nas aulas de Ciências/Biologia. Os resultados foram expressivos: 77,3% dos respondentes consideraram importante esta discussão, enquanto 12,1% se declararam indiferentes e apenas 10,6% julgaram não ser relevante. O dado é especialmente significativo quando contrastado com a alta prevalência da prática entre os mesmos alunos, sugerindo que há consciência da carência de informação adequada. A demanda manifesta pelos alunos (77,3%) representa uma oportunidade valiosa para a implementação de estratégias educativas que promovam o uso racional de medicamentos junto a este público.

A última questão investigou a importância de discutir a automedicação nas aulas de Ciências/Biologia. A maior parte dos estudantes (77,3%) considera essa discussão relevante, enquanto 12,1% se mostraram indiferentes e 10,6% não a julgaram importante. Esses resultados indicam que os próprios alunos reconhecem a necessidade de orientação formal sobre o tema e veem a escola como um espaço fundamental para essa aprendizagem.. O dado é especialmente significativo quando contrastado com a alta prevalência da prática entre os mesmos alunos, sugerindo que há consciência da carência de informação adequada. A demanda manifestada pelos alunos (77,3%) representa uma oportunidade valiosa para a implementação de estratégias educativas que promovam o

uso racional de medicamentos junto a este público (Oliveira & Almeida, 2021).

Diante da análise, foi possível alcançar o objetivo de traçar um panorama sobre a prática da automedicação entre adolescentes no ambiente escolar, identificando a frequência com que ocorre, os tipos de medicamentos mais utilizados sem prescrição e os principais motivos que levam os estudantes a adotarem tal prática. Os resultados obtidos por meio do questionário aplicado permitiram compreender de maneira mais ampla esse comportamento, revelando fatores sociais, culturais e de acesso à saúde que influenciam as decisões dos jovens em relação ao uso de medicamentos.

Também foi possível compreender como os adolescentes lidam com a automedicação e os fatores que influenciam essa prática. Pesquisas apontam que adolescentes com menor nível de alfabetização em saúde tendem a praticar a automedicação de forma inadequada, o que reforça a importância de discutir o tema no contexto escolar (Zhou et al., 2016). Nessa perspectiva, o ensino de Ciências assume papel essencial na construção de uma consciência crítica sobre o uso racional de medicamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os dados fornecidos por esta pesquisa, foi possível entender de forma mais clara as causas e a ocorrência da automedicação entre os adolescentes no contexto escolar. Os dados mostraram que a prática é recorrente e, muitas vezes, motivada por fatores como a cultura de autonomia, família ou por desejo de aliar sintomas rapidamente, sem o devido acompanhamento médico. Essa realidade demonstra que a automedicação é um comportamento enraizado, sustentado tanto pela influência de pessoas próximas a esses indivíduos quanto pela falsa sensação de segurança em relação ao uso de medicamentos.

Também foi possível em como os adolescentes ainda carecem de informações acessíveis sobre o uso correto de medicamentos, uma vez, grande maioria dos estudantes se expressou a favor de uma medida partida da escola para tratar deste assunto tão necessário e real atualmente.

Por fim, pode-se concluir que o ensino de ciências se mostrou uma ferramenta essencial assunto, pois possibilita conectar o conhecimento científico ao cotidiano dos alunos mediando essa concepção de se auto medicar por meio de aulas práticas, debates e projetos interdisciplinares, onde o professor pode incentivar a reflexão sobre saúde e autocuidado. Desse modo essas atitudes podem contribuir significativamente para a formação de jovens mais conscientes sobre os riscos que envolvem o consumo de

medicamentos sem prescrição.

REFERÊNCIAS

SILVA, J. F.; ALMEIDA, R. S.; PEREIRA, L. C. Automedicação entre adolescentes: fatores associados e consequências. *Revista Brasileira de Saúde Pública*, v. 52, n. 4, p. 123-130, 2018. Disponível em: https://revistaft.com.br/os-perigos-da-automedicacao-na-juventude/?utm_source

SANTOS, Eduardo Solano Pina dos; ANDRADE, Camilla Moreira; BOHOMOL, Elena. Prática da automedicação entre estudantes de ensino médio. *Cogitare Enfermagem*, v. 24, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/61324/39006>. Acesso em: 27 jun. 2025.

ICTQ – Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade. Pesquisa – Automedicação no Brasil (2018). Disponível em: <https://ictq.com.br/pesquisa-do-ictq/871-pesquisa-automedicacao-no-brasil-2018>. Acesso em: 27 jun. 2025.

LIMA, Mizaél Maciel, and Haline Gerica de Oliveira Alvim. "Riscos da automedicação." *Revista JRG de Estudos Acadêmicos* 2.4 (2019): 212-219.

ZHOU, L. et al. Inappropriate self-medication among adolescents and its association with lower medication literacy and substance use. *Journal of the American Pharmacists Association*, v. 56, n. 2, p. 183-193, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0189199>. Acesso em: 5 nov. 2025.

SILVA, L. S., Santos, A. P., & Rodrigues, M. F. (2018). Automedicação entre jovens e fatores associados. *Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde*, 20(3).

SILVA, Ester Carneiro dos; SENNA Júnior, Vicente Antônio de. A automedicação na sociedade brasileira e o papel do farmacêutico. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 9, n. 4, p. 9519-9530, 2023. DOI:10.51891/rease.v9i4.9832.

PARDO, Inês Maria Crespo Gutierrez et al. Automedicação: prática frequente na adolescência? Estudo em uma amostra de estudantes do ensino médio de Sorocaba. *Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba*, v. 15, n. 2, p. 11-15, 2013.

PEREIRA, Francis SVT et al. Automedicação em crianças e adolescentes. *Jornal de pediatria*, v. 83, p. 453-458, 2007.

ARAÚJO, Luanna Kattaryna Penha de; GÓES, Paulo Sávio Angeiras de. Prevalência de automedicação entre adolescentes escolares de 15-19 anos. *Anais da Faculdade de Medicina de Olinda*, v. 1, n. 4, p. 19-24, 2019. DOI:10.56102/afmo.2019.106.

ICTQ - Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade. Aproximadamente 90 % dos

brasileiros realizam automedicação, atesta ICTQ. Disponível em:
<https://ictq.com.br/farmacia-clinica/3202-aproximadamente-90-dos-brasileiros-realiza-automedicacao-atesta->.

BRANDI, T.; PINHEIRO, T. da S.; CASTILHO, S. R. de. Falando sobre o uso racional de medicamentos nas escolas: uma revisão da literatura. Educação: Teoria e Prática, [s. l.], v. 34, n. 67, 2023. DOI:10.18675/1981-8106.v34.n.67.s17409.

FARIAS, Mareni Rocha; OLIVEIRA, Maria Auxiliadora; BERTOLDI, Andréa Dâmaso. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. Revista de Saúde Pública, v. 50, supl. 2, p. 13s, 2016. DOI:10.1590/s1518-8787.2016050006117.

OLIVEIRA, A. C., & Almeida, K. A. (2021). Automedicação entre adolescentes de uma escola pública de ensino médio: fatores associados e riscos percebidos. Revista Adolescência & Saúde, 18(2), 34–42.

Link: <https://adolescenciaesaude.com/detalhe-artigo/2371>